

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 18 – 13.08.2015

Assunto principal: O Arquétipo da Alteridade, as fixações no Quatérnio Primário e a Sombra na adolescência.

Texto de referência: *Psicologia Simbólica Junguiana: fixações, defesas e formação da Sombra*, capítulo V. *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito*, capítulo V, sobre a adolescência. *A Família como Sistema Estruturante do Self – as Sete Fases da Vida e a Crise da Adolescência*, artigo sobre a adolescência no Self Familiar, publicado no livro *Terapia de Família com Adolescentes*, organizado por Gisela Pires Castanho e Maria Luiza Dias, Ed. Roca, 2014.

Boa noite a todos.

Hoje continuaremos o estudo de vários problemas da adolescência por intermédio da pedagogia simbólica junguiana, baseados no filme *Escritores da Liberdade* com: Hilary Swank, Patrick Dempsey e Imelda Staunton e direção de Richard LaGravenese (2007).

Diferentemente da aula anterior, na qual vimos o filme *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), em que o Prof. Keating (Robin Williams) expressa defensivamente a alteridade, deixando-se dominar pelo patriarcal defensivo que não evita e até contribui para levar o jovem Neil à tragédia, neste filme vemos a Profa. Erin Gruwell exercer a alteridade de forma normal, corajosa e transformadora. Em momento algum ela regride e apela para o patriarcal defensivo, na difícil tarefa de conseguir a transformação da personalidade de jovens muito comprometidos pela delinquência e até mesmo pelo homicídio. Quero ressaltar que as técnicas expressivas para elaboração simbólica usadas nos dois filmes são muito criativas, mas que neste filme elas o são ainda mais pelo fato dos símbolos fixados na Sombra serem intensamente patológicos, a maioria dos quais expressos pela defesa psicopática (dolosa= intencional).

Durante o filme, a Profa. G. relata que teve o desejo de seguir seu pai no engajamento social e, por isso, começou a seguir a carreira jurídica. Logo, porém, se deu conta que iria lidar com adolescentes marginais, cujo problema era anterior ao problema jurídico. Por isso, resolveu atuar na área educacional, para tentar prevenir, antes de remediar.

Em meu livro sobre educação (1996), enfatizo que antes da área de saúde, na qual o patológico se apresenta, está a área de educação, durante a **qual ele se forma. Por isso, concluo, junto com a profa. G, que a área de saúde e jurídica são terapêuticas e a área de educação, profilática.** Por isso também insisto que para lidarmos com a delinquência entre jovens no Brasil deveríamos concentrar nosso esforço, primeiramente, na educação e só, secundariamente, no judiciário, contrariamente ao que muitos pensam.

Em, 1970, em Los Angeles, Califórnia, um motorista de taxi negro, chamado Rodney King, dirigia em excesso de velocidade, quando foi abordado por uma viatura da polícia, com quatro policiais que o espancaram. Um passante filmou a cena que apareceu na televisão e comoveu muito a opinião pública.

Em 1972, os quatro policiais foram julgados e absolvidos, por um júri composto de dez brancos, um negro e um oriental. A partir da notícia na televisão e do resultado do júri, houve uma explosão de violência na cidade, na qual morreram 58 pessoas e mais de 2.800 ficaram feridas, 3.100 lojas foram incendiadas e destruídas, causando um prejuízo de mais de 1 bilhão de dólares.

A partir daí, instalou-se a violência na cidade. Formaram-se gangues étnicas de negros, hispânicos e orientais que se armaram e passaram a lutar entre si na disputa de território.

Em 1994, foi implantado um programa de integração voluntária nas escolas públicas, com alunos normais e alunos saídos de prisões e reformatórios. Nesse ano, a Profa. Erin Gruwell veio ensinar na Escola Woodrow Wilson, que, até então, tinha sido uma das melhores escolas públicas de Los Angeles, mas que, após o início da campanha de integração, perdera 75% dos seus alunos “normais”.

A professora “G”, como ficou chamada, encontrou uma classe de 35 alunos, indisciplinados, subdivididos em grupos étnicos violentos e armados e completamente aversiva e resistente a qualquer tipo de frustração e de aprendizado.

Do ponto de vista arquetípico, esses adolescentes de aproximadamente 14 anos, eram portadores de feridas brutais no seu quaternio primário, fixados gravemente na sua primeira e segunda metanóia, em seus complexos parentais, com dominâncias matriarcal e patriarcal passivas. No que concerne o dinamismo matriarcal passivo, suas fixações

incluíam orfandade, miséria, abandono, rejeição, abuso sexual e vários tipos de agressão. Com referência ao dinamismo patriarcal passivo, suas fixações incluíam agressões variadas, discriminação racial, repressão policial e de outras gangues, condenações e penas em reformatórios.

Ao passarem da atitude matriarcal e patriarcal passivas com essas fixações e defesas na Sombra, para as atitudes matriarcal e patriarcal ativas com a ativação dos arquétipos da Anima, do Animus e do Herói, também em grande parte fixada e sombria, esses adolescentes passaram a atuar como guerrilheiros delinquentes pertencentes a gangues étnicas marginais. Tratava-se realmente de patotas de criminosos. Chegavam, até mesmo a ter rituais de iniciação, nos quais se espancavam para se fortalecerem para a guerra.

A Profa. G., logo de início ficou atordoada, sentindo-se despreparada para lidar com tanta patologia e criminalidade. **As defesas dos alunos eram claramente psicopáticas, porque eles atuavam a Sombra voliticamente, ou seja, conscientemente.**

A vocação da Profa. G. para o ensino simbólico era, porém, muito grande, e ela logo percebeu que de nada valeriam os preceitos, sermões e punições patriarcais, e que ela teria que criar dentro da dialética de alteridade, atitudes pedagógicas simbólicas que expressassem de alguma forma a identidade matriarcal e as necessidades emocionais dos alunos. Ao ver o filme, pareceu-me mesmo que eu e Mrs. G, nos conhecíamos e que tínhamos ideias muito semelhantes sobre educação. *A Pedagogia Simbólica Junguiana*, cuja primeira edição é de 1996, com o emprego de técnicas expressivas no ensino, tem muito em comum com os ideais do Prof. Keating e de Mrs. G.

Dentro do ensino simbólico, Mrs. G. lançou mão de técnicas expressivas variadas. A primeira delas expressou em cheio a principal função estruturante problemática do Self Institucional da classe que era **a função estruturante da formação da identidade na socialização**, fixada e dissociada em gangues e repleta de carências, feridas e atuações delinquentiais. Mas, como reunir 35 adolescentes dissociados e aglomerados em gangues delinquentiais, alguns criminosos e até mesmo com armas de fogo?

A primeira técnica expressiva empregada pela Profa. G foi a de dividir a classe ao meio e passar uma fita no chão entre os dois lados, que continham as etnias misturadas. Foi um grande passo para desfazer a socialização étnica defensiva. A seguir, mandou que se aproximassem da fita quem tivesse o último cd de um rapper muito popular entre eles. Sem perceberem o significado do que estavam fazendo, eles se entusiasmaram e os dois lados se aproximaram. Ela repetiu a técnica com quem gostava de um cantor popular

e eles novamente se aproximaram. Com isso, **ela os fez começar a vivenciar a função estruturante da socialização com uma identidade comum a todos**, preparando-os para confrontar e elaborar sua fixação que durante anos, eles só haviam praticado nas gangues, integrando sua etnia para guerrear com as outras, enquanto sua individualidade ficava reprimida e sufocada.

Após este início de evitação da gravíssima fixação da defesa da socialização, a Profa. G. se tornou mais corajosa e pediu que se aproximassem da fita aqueles que tinham sofrido bullying. Todos se aproximaram. Em seguida, aqueles que tinham um amigo preso, um amigo morto, dois amigos, três amigos e quatro amigos. Muitos alunos se aproximaram da fita, **expressando o quanto de sofrimento e tragédia eles tinham em comum**, apesar de se considerarem somente inimigos.

Essa técnica expressiva foi muito produtiva para elaborar a fixação da função estruturante socializadora, porque neutralizou a função projetiva defensiva do trauma na outra etnia, **mostrando como esse sofrimento era comum**, independentemente da sua etnia. Na primeira mobilização ela os fez se aproximarem pela alegria, mas, nesta segunda, pela dor e pelo ódio.

Mas ela foi além. Aproveitando o gancho de um desenho pejorativo de um aluno negro “beijudo”, por um aluno branco, ela projetou o racismo no tema do nazi-fascismo e da perseguição dos judeus. Quem quisesse cultivar o racismo e a luta de etnias na sua sociedade deveria, no mínimo, conhecer a perseguição aos judeus que se iniciou com caricaturas em jornais e chegou à Noite dos Cristais e ao Holocausto. Dentre os livros que ela dava à classe para o estudo de inglês, sempre dentro da pedagogia simbólica, ela incluiu o livro *O Diário de Anne Frank*, que muito impactou os alunos. Dessa maneira, ela amplificou a fixação da função socializadora com o Self Planetário e a Segunda Guerra Mundial, **ensinando simbolicamente história, geografia e inglês, que era a sua matéria**.

Ela empregou o ensino simbólico da História para amplificar arquetipicamente o significado simbólico do racismo e altamente pejorativo e destrutivo que eles praticavam entre si. **Essa elaboração os comoveu muito e abalou a defesa racista projetiva defensiva que eles praticavam, pois a unificou numa projeção comum sobre o racismo nazista**.

A próxima técnica expressiva usada foi a visita ao Museu do Holocausto, onde eles puderam vivenciar a intensidade do Mal presente no racismo. Na visita ao Museu, cada um pegava um cartão magnético, na entrada, correspondente a uma criança judia. Depois de percorrerem o Museu e verem a imensa lista de atrocidades cometidas, na hora de

terminarem a visita, eles colocavam o cartão magnético num computador e viam a foto da criança, que haviam recebido no início, junto com a história do que havia acontecido com ela.

A Profa. G. começou a entrar em conflito com a diretora da escola, Margaret Campbell, que era contra o programa de integração voluntária e impedia que alunos tirassem livros bons da biblioteca porque “certamente iriam vandalizá-los”... **Nesse embate com o patriarcal defensivo ela, em momento algum escorregou para exercê-lo, como fez o Prof. Keating, quando mandou seus alunos arrancarem as páginas do livro de literatura, escritas pelo Prof. Pritchard.** Ao invés disso, ela própria resolveu comprar livros para os seus alunos. Para fazê-lo, foi trabalhar depois das aulas, como vendedora de lingerie. Seu casamento começou a ir mal. Quando namoravam, quatro anos atrás, seus Arquétipos da Anima e do Animus sonhavam dentro do quatérnio conjugal. Ele queria ser arquiteto e ela professora engajada no movimento social. Eles agora estavam empregados **e ele pensava cada vez menos em ser arquiteto e ela cada vez mais no seu engajamento social.** Isto queria dizer que a conjunção idealista Anima-Animus estava enfraquecendo e ameaçando a relação conjugal. **O Arquétipo do Herói estava cada vez mais ativando o Animus e cada vez menos a Anima. Era o prenúncio do fim do amor e do casamento.**

Continuando sua criatividade, a Profa. G. imaginou mais uma técnica expressiva. Comprou 35 cadernos com o seu dinheiro e os distribuiu na turma. **Era o diário com a identidade de cada um.** Ali cada um deveria escrever o que quisesse: sua história de vida, seus sonhos, seus sofrimentos, suas queixas, seus dons, seus desejos e esperanças. Ela só lia o caderno de quem quisesse. Havia na classe um armário trancado que ela deixava aberto durante a aula. Quem quisesse que ela lesse o diário, deixaria o caderno no armário, e ela o devolveria no dia seguinte. Logo no fim do dia, o armário ficou repleto. Essa técnica foi muito produtiva, pois permitiu a cada um **começar a expressar a função estruturante da identidade na individualidade.** Até então, a fixação psicopática na transição para a posição patriarcal ativa da adolescência, bloqueava defensivamente a Anima, o Animus, a Alteridade e a individualidade, aprisionando-os defensivamente na patota e na etnia e impedindo qualquer expressão individual. Como sabemos, a metanoia da adolescência propicia a passagem do matriarcal e patriarcal passivos para ativos, com a ingerência da Anima, do Animus, da Alteridade e do Herói que fazem despertar a individualidade. **Foi isso o que a técnica expressiva dos diários proporcionou.**

O símbolo do diário e da função estruturante de escrever para expressar a si próprio foi tão pujante na continuação da elaboração da fixação da função estruturante da socialização, porque mostrou que a fixação se exercia principalmente no Self Familiar, Institucional (na escola) e Cultural (Los Angeles) e na luta pelos direitos civis. Bastou que a Profa. G. exercesse uma técnica expressiva (o diário) para propiciar o Self Individual para que a criatividade da função socializadora fluísse intensamente. André, que havia abandonado a mãe e vivia sem lar, resolveu voltar para casa e pedir à sua mãe que o ajudasse para sair da delinquência da sua patota.

Continuando sua criatividade que parecia não ter fim, a Profa. G. arrumou um terceiro emprego, desta vez numa cadeia de hotéis, e conseguiu que uma vez por mês sua turma fosse almoçar num restaurante cinco estrelas. Não é difícil imaginar o efeito socializante criativo dessas excursões sobre a personalidade desses jovens, que até então só haviam conhecido quase que somente a miséria social.

No entanto, esse terceiro emprego foi fatal para o quaternio conjugal da Profa. G. e seu marido, pois a discrepância entre a integração do Animus da professora na atitude ativa e da Anima do seu marido que arrefecia cada vez mais na atitude passiva, foi fatal. Ambos tiveram a coragem de enfrentar o fracasso do seu amor e ele chegou à conclusão de que não suportava mais viver com culpa. **Apesar de óbvio, não ficou explicitado, porém, o quanto ele percebeu que a culpa que sentia era devida a ele ter matado sua Anima junto com o amor conjugal, por ter se acovardado diante da individuação e não permitido que sua Anima fosse adiante no caminho da sua vocação para a arquitetura.**

A classe começou a se liberar das fixações das atitudes matriarcais e patriarcais na posição ativa defensiva delinquencial e a exercê-los na atitude ativa normal e criativa. Assim aconteceu que quando a Profa. G. pediu a eles para escrever uma carta para a Sra. Miep Gies, que havia escondido a família de Anne Frank no sótão de sua casa, eles não só escreveram e pediram para a Profa. G. mandar as cartas, como também pediram que ela convidasse a Senhora Mies para vir aos Estados Unidos, visitar a Escola Woodrow Wilson. A vitalidade da juventude começou a assumir a criatividade dos arquétipos regentes e do herói na posição ativa e ir além de sua mestra.

A profa. G. começou a ficar assustada, temerosa de estar indo longe demais e argumentou, com o senso da realidade, que eles não conheciam pessoalmente a Sra. Gies e não tinham dinheiro para a sua viagem. **Nesse momento ficou constatado o quanto eles estavam se curando da fixação da função estruturante da socialização e passando a vivê-la através dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na atitude ativa,**

junto com a criatividade do Arquetipos da Anima, do Animus e do Arquetipo do Herói. Eles passaram a organizar quermesses para vender cachorro quente e refrigerantes e, finalmente, inventaram uma festa dançante para angariar ainda mais fundos.

Mrs. Miep Gies veio e foi um sucesso. Num momento dramático do filme, André disse à Sra. Gies que ela era sua heroína. Ela respondeu que não, pois se considerava uma pessoa normal, que só fez o que, num determinado momento, achou que deveria fazer. No entanto, ela havia lido as cartas deles e achado que eles eram os heróis e que, por isso, a lembrança deles ficaria para sempre gravada no coração dela.

Uma das alunas era uma hispânica chamada Eva. Seu drama era imenso. Ela estava no mercadinho de dois orientais, quando um colega negro aprontou uma arruaça porque havia perdido na máquina de caça níqueis. Um rapaz hispânico, chamado Paco e conhecido dela, atirou no colega negro, mas este se esquivou e o tiro matou o oriental, dono da loja. O rapaz negro era o acusado do assassinato e, no julgamento, ela foi chamada como testemunha. O problema era que seu pai era um líder da comunidade hispânica e estava preso, cumprindo pena, apesar de inocente. O que ela diria no tribunal? No momento em que ela **ouviu Mrs. Gies dizer que apenas fizera o que sentiu que deveria fazer**, Eva sentiu que deveria incriminar Paco no julgamento e assim o fez, apesar de saber que isso significaria romper com seu pai e com sua gangue hispânica. Este símbolo é crucial, pois expressa que, no processo de individuação de Eva, na segunda metanoia, ela se diferenciou da patota e expressou sua função ética com a Consciência individual (Anima e heroína de Alteridade, ainda que passivos, pois isso aconteceu para Eva e não foi ela quem foi buscar ativamente essa elaboração).

O filme termina com a elaboração da fixação da função da socialização no Self Cultural. Pelo regulamento vigente, a Profa. G. deveria separar-se de sua turma no final do 2º ano, que estava próximo, pois não poderia fazer o 3º e o 4º ano com eles. A diretora da escola tinha autonomia sobre esse assunto e, pelo fato de ser contra o projeto de integração, ela desaprovava tudo o que a Profa. G. fizera até então.

Nesta passagem, há um simbolismo arquetípico muito importante. Lembremos que no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, o prof. Keating se insurgiu contra o patriarcal repressivo tradicional da escola e do pai de Neil, quando se deixou levar pela defesa patriarcal repressiva, que levaram o jovem Neil ao suicídio. A Profa. G. chega aqui nesse mesmo dilema. Seus jovens alunos sugerem recair na delinquência e aliciá-la para uma grande insurgência caso a Escola mantivesse a proibição. **A profa. G. resistiu endossar**

a conduta sombria, como fizera o Prof. Keating, e recorreu à direção estadual da educação, que lhe deu ganho de causa, para felicidade da sua turma de alunos, que de um punhado de delinquentes racistas se haviam transformado numa família humana a caminho do Bem. Seu diário foi publicado num livro: *Os Diários dos Escritores da Liberdade*.

Na próxima aula (19ª), abordaremos **o luto patológico no quatérnio** primário com a fixação envolvendo os complexos materno e paterno e o vínculo entre eles coordenados pelo Arquétipo Patriarcal na posição ativa e no correspondente quatérnio conjugal, **baseado no filme *Acerto Final* (1995)**, com Jack Nicholson e Angélica Huston. A função central do filme é o luto e o símbolo fixado é a morte da filha. Examinaremos esse quatérnio primário e a fixação matriarcal do pai e patriarcal da mãe.

Para a próxima aula, peço a vocês para relerem *Psicologia Simbólica Junguiana*, cap. IX: O Arquétipo Matriarcal.

Boa noite a todos e até quinta-feira,
Byington